

# O SOL, QUANDO NASCE, É PARA TODOS – PROVÉRBIO E OCORRÊNCIAS

*Maria Helena Sampaio Sereno*  
Universidade de Valência – Grupo Val.Es.Co

0. Os nossos objectivos são: caracterizar o conceito de provérbio, para o que procedemos à revisão dos principais contributos da filologia e da linguística, no sentido de esboçar uma definição prototípica; perspectivar a sua utilização na narrativa de José Saramago, pelo que analisaremos as ocorrências de uma destas unidades, estabelecendo critérios que orientem uma investigação pragmática sobre as respectivas funções.

Para recobrir a noção de «provérbio» existem, em português, numerosas designações (Silva, 1989: 159-160), muitas delas sinónimas. Fenómeno similar ocorre com outras línguas românicas, embora, ao considerar o uso e a consciência linguística dos termos mais utilizados *adágio*, *aforismo*, *apoteagma*, *ditado*, *máxima*, *provérbio*, *rifão*, *sentença* (e os correspondentes espanhóis, catalães e franceses), se delinee uma fronteira entre *aforismo*, *apoteagma*, *máxima*, criações individuais eruditas, e *adágio*, *ditado*, *provérbio* e *rifão*, de carácter colectivo e anónimo (Cunha, 1882: 6-20; Conca, 1987: 55-58; Muñoz, 1993: 15-18; Anscombre, 1997: 41-45)<sup>1</sup>.

Ora, como nos interessa estudar somente os últimos, para os quais o uso e os dicionários do português contemporâneo permitem identificar a hiperonímia de «provérbio», utilizaremos este termo ao longo de todo este estudo, e, como exemplo representativo, «O sol, quando nasce, é para todos», por revelar elevada frequência de emprego e estar distribuído por vários romances de Saramago (*Memorial do convento*, *O ano da morte de Ricardo Reis*, *Ensaio sobre a cegueira* e *Todos os nomes*<sup>2</sup>).

<sup>1</sup> A selecção de um termo englobante continua a revelar divergências notórias nos títulos de revistas especializadas, como *Proverbiun* (1965-) e *Paremia* (1993-), embora haja consenso nas denominações *paremiografia*, para o registo, e *paremiologia*, para o estudo.

<sup>2</sup> Para cada um, utilizamos as edições seguidamente indicadas: *Memorial do convento*, 24ª ed.

1. Pode considerar-se que o estudo dos provérbios foi inaugurado nos finais do séc. XIX pelos folcloristas e etnógrafos, no esforço de preservação e estudo do património popular oral, e pelos filólogos, que o recolheram e apreciaram na literatura<sup>3</sup>. Todavia, só no século passado encontramos a primeira abordagem com maior dimensão, *The proverb* (1931) de Archer Taylor<sup>4</sup>, que, embora assumindo a impossibilidade de definir tal objecto de estudo<sup>5</sup>, esboça uma descrição que aponta: a fixação sintáctica, sempre relativizada pela variação resultante da transmissão oral (Taylor, 1931: 22); o sentido metafórico e idiomático, mas relacionado com uma aplicação concreta (Taylor, 1931: 10); a simplicidade vocabular e a tendência de desaparecimento dos elementos arcaicos ou mal-formados (Taylor, 1931: 155); o facto de se revestir de ritmo, paralelismo, metáfora e contraste (Taylor, 1931: 135-55).

Serão os desenvolvimentos da linguística que permitem aos lexicólogos e semiólogos, na tentativa de descrição exaustiva do léxico, enfrentar o tratamento e classificação das formas mais amplas que a palavra. Nesta caracterização, ficou consagrada, em primeiro lugar, a fixação estrutural, através da noção de «discurso repetido» de Coseriu:

«Las «lenguas» son ante todo técnicas históricas del discurso (o del «hablar»), pero las tradiciones lingüísticas distan mucho de contener sólo «técnica para hablar»: contienen también «lenguaje ya hablado», trozos de discurso ya hecho y que se pueden emplear de nuevo, en diferentes niveles de la estructuración concreta del habla. La «técnica del discurso» abarca las unidades léxicas y gramaticales (lexemas, categoremas, morfemas) y las reglas para su modificación y combinación en la oración, es decir, las palabras y los instrumentos y procedimientos léxicos y gramaticales. El «discurso repetido» abarca todo lo que tradicionalmente está fijado como «expresión», «giro», «modismo», «frase» o «locución» y cuyos elementos constitutivos no son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua». (1966=77: 113)<sup>6</sup>

(1995); *O ano da morte de Ricardo Reis*, 9ª ed. (1986); *A jangada de pedra*, 2ª ed. (1986); *História do cerco de Lisboa*, 1ª ed. (1989); *O evangelho segundo Jesus Cristo*, 2ª ed. (1991); *Ensaio sobre a cegueira*, 2ª ed. (1995); *Todos os nomes*, 1ª ed. (1997).

<sup>3</sup> No âmbito português, cabe destacar José Leite de Vasconcelos, Teófilo Braga e Carolina Michaëlis, e em Espanha, José Sbarbi e Rodríguez Marín.

<sup>4</sup> Devedor de *Deutsche Sprichwörterkunde* (1922) de Friedrich Seiler.

<sup>5</sup> O primeiro parágrafo do livro diz «An incommunicable quality tells us this sentence is proverbial and that one is not. Hence no definition will enable us to identify positively a sentence as proverbial.» (Taylor, 1931: 3).

<sup>6</sup> Aspectos intuídos por Bally, que inaugurou a designação *fraseologia* (Bally, 1909=1951: 65-66) e o seu estudo (Bally, 1909=1951: 66-87), e, sob sua influência, por Casares (Casares, 1950: 225).

Seguidamente, comparando a dimensão sintagmática, separou, em termos classificativos, as unidades substituíveis por palavras ou sintagmas das unidades comutáveis com orações ou textos: sintagmas estereotipados e perífrases léxicas/ frases metafóricas, provérbios, ditados, sentenças, wellerismos, rifões (Coseriu, 1966: 115-118)<sup>7</sup>.

Por seu turno, os estudiosos da semiótica, em trabalhos dedicados especificamente a este tipo de unidades, reconhecem a possibilidade da configuração semântica transposta ou figurada, que diferencia: *proverbes*, conotados / *dictons*, não conotados (Greimas, 1960: 58); provérbios, «image-motivated»/ / outros ditos proverbiais, «directly motivated» (Permyakov, 1970: 12-13). De forma unânime, concluem, a partir da análise da variedade de estruturas sintáticas, que a modulação binária, essa sim, se impõe como traço característico relevante (Greimas, 1960: 59 e Permyakov, 1970: 17).

Enfim, a tripla teorização de Permyakov<sup>8</sup> e o contributo de Dundes colocam a tónica na relação entre provérbios e contextos, embora em moldes diversos: o primeiro desenvolve, na sua abordagem lógica, uma teoria em que estes são variações concretas de situações típicas (invariantes)<sup>9</sup>; enquanto o último postula três níveis de análise, um deles atento ao contexto ou situação social específica em que um provérbio particular é utilizado – como, quando, onde, para quem e por quem (Dundes, 1964: 256)<sup>10</sup>.

A alteração de perspectiva reclamada por Dundes dar-se-á na evolução da linguística, que abandonará as caracterizações puramente formais e internas que privilegiavam o domínio da frase (e da escrita), típicas das descrições elaboradas na década de sessenta e setenta, para convocar uma abordagem alargada da comunicação, que também explique a dimensão textual (e oral) na sua actualização, marcante nos estudos realizados a partir dos anos oitenta.

Assim, Norrick, numa abordagem essencialmente semântica, mas já com preocupações pragmáticas, no livro *How proverbs mean*, para definir provérbio e distingui-lo de outros géneros, desenha uma matriz, onde indica,

<sup>7</sup> Tal distinção, correspondente à dicotomia entre unidade fraseológica e parémia, é igualmente considerada por outros autores: Casares distingue *locución* (expressão pluriverbal) de *refran* (frase) (Casares, 1950, 212-3); Greimas opõe *idiotisme* (maior que a palavra e menor que a oração) e *proverbe* e *dicton* (oração ou proposição) (Greimas, 1960: 50, 57); Permyakov contrasta *pogovorki* (cliché aberto) com *poslovitsy* (cliché fechado) (Permyakov, 1970=79: 9-10).

<sup>8</sup> Na sua descrição, linguística, lógico-folclórica e semântica, apresenta, no primeiro nível, uma caracterização detalhada, por exemplo, da generalidade (Permyakov, 1970=79: 11).

<sup>9</sup> Neste quadro, a classificação e formalização complexificam-se para identificar essa estrutura profunda subjacente a cada parémia (Permyakov, 1970=79: 20-26).

<sup>10</sup> Os outros níveis consistem na textura, ou traços linguísticos, e no texto, a sua interpretação ou versão (Dundes, 1964: 254-5).

como traços definitórios: turno conversacional potencial<sup>11</sup>; carácter tradicional e falado; com forma fixa e pendor didáctico; de natureza geral (impessoal). Aponta ainda, como dimensões facultativas: carácter figurativo, características prosódicas, e traços humorísticos (Norrick, 1985: 73). Sublinhando o carácter oral e textual do provérbio, verifica o seu funcionamento na conversação<sup>12</sup> e na obra de Shakespeare, onde, servindo frequentemente como molde integrado em longos discursos, até nas alusões e formas modificadas detém carácter avaliativo, e na imprensa, igualmente como modelo e integrado em discursos mais longos, aparentemente retendo parte da força avaliativa (Norrick, 1985: 11-30). Estabelece ainda o conceito de interpretação-padrão, a significação tradicionalmente atribuída ao provérbio (Norrick, 1985: 1), que pode ser coincidente com o significado literal ou não, configurando, neste último caso, uma significação figurada (Norrick, 1985: 83).

Sobre o português, Lopes apresenta uma tese de doutoramento que prossegue tal focagem<sup>13</sup>, centrando a sua atenção no carácter genérico da formulação dos provérbios, ao nível do Sintagma Nominal (Lopes, 1993: 75-131) e da localização temporal (Lopes, 1993: 137-180). Esboça uma tipologia de funções discursivas: as que relevam dos valores ilocutórios relacionais dos enunciados inscritos em sequências discursivas, as macro-discursivas (ou de organização textual) e os tropos ilocutórios<sup>14</sup>.

O percurso teórico e metodológico descrito tem paralelo no âmbito dos estudos de fraseologia, entendida como disciplina englobante da paremiologia, que aprofundam a caracterização das várias unidades, acentuando propriedades como a natureza fixa e o carácter idiomático (Zuluaga, 1980: 95-

<sup>11</sup> Para ele, o provérbio, fenómeno caracteristicamente conversacional, é superiormente definido pela noção de «turno» (Norrick, 1985: 67-9).

<sup>12</sup> Funcionam quer como comentários avaliativos sintacticamente independentes, quer como argumentos avaliativos integrados em discursos mais longos, além de, também com autonomia sintáctica, serem aplicados directamente à situação, sem clara função avaliativa (Norrick, 1985: 15-18).

<sup>13</sup> Para o espanhol, destaca-se o trabalho da mesma natureza de Fernando Dominguez sobre *Un début dans la vie* de Balzac (*Análisis del discurso y paremias en H. de Balzac*, 1994) e, ainda relativamente ao português, o de Gabriela Funk analisando textos de imprensa e *O novo testamento (A função do provérbio em Português e em Alemão: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados*, 1993).

<sup>14</sup> «Trata-se da citação de um provérbio que funciona como acto ilocutório idiomático, na medida em que o seu valor ilocutório primitivo, directo ou literal, é integralmente substituído por um valor ilocutório convencionalizado.» (Lopes, 1993: 408). Aponta tal função, no *corpus* que estuda, a «Morra Marta, morra farta.», «Vão-se os anéis e fiquem os dedos.», «Falem/ai no mau, aparelhem/ai o pau.», «Até ao lavar dos cestos é vindima.» (Lopes, 1993: 489-492).

-140 e Corpas, 1996: 19-32 e Ruiz, 1997: 85-102<sup>15</sup>). Zuluaga debruça-se sobre o que designa por enunciados fraseológicos enquanto sequências autônomas de fala e unidades mínimas de comunicação (Zuluaga, 1980: 192) e aponta o funcionamento do *rifão* como texto dentro de um texto, servindo de resumo, comentário, explicação e argumento (Zuluaga, 1980: 200-203). De modo idêntico, Corpas propõe uma taxinomia de fenômenos fraseológicos, onde situa as *parémias* (enunciados com autonomia textual e unidades de fala), que subdivide em enunciados de valor específico, citações e provérbios (Corpas, 1996: 270-1). Enumera as funções de comentário valorativo (geralmente negativo), explicação, apoio de postura ou afirmação (justificação), resumo e comentário global sobre uma situação ou estado de coisas (Corpas, 1996: 228-30). Além disso, classifica as manipulações criativas atestadas em textos jornalísticos, literários e publicitários (Corpas, 1996: 235-58).

Recentemente, num número da revista «Langages» dedicado a «La parole proverbiale», Anscombe problematiza o que classifica de definição-«Vulgata» resultante do privilégio da escrita, da frase, erudição e racionalismo na construção das gramáticas (Anscombe, 2000: 7) e propõe uma caracterização que valoriza o papel do ritmo, metro e rima (Anscombe, 1997: 51-2 e Anscombe, 2000: 18-20)<sup>16</sup>. Kleiber sintetiza a sua definição de provérbio, através de três propriedades: denominação de uma situação; constituir um *signos-frase*; carácter genérico (já que não são infirmadas por contra-exemplos e permitem inferências por defeito) (Kleiber, 2000: 40-2)<sup>17</sup>. Por fim, a concepção de provérbio como subclasse da categoria das frases genéricas permite a estes autores concordar no reconhecimento do seu carácter linguístico (Anscombe, 2000: 3 e Kleiber, 2000: 53-4).

2. Desta síntese, podemos abstrair um protótipo de provérbio, indicando como qualidades centrais (essenciais e definitórias):

- em primeiro lugar, tratar-se de uma unidade pluriverbal em cuja enunciação o locutor reproduz tal qual uma sequência de fala já conhecida.

<sup>15</sup> Na deslindagem dos problemas teóricos da disciplina, Ruiz oporá a concepção estrita, limitada à reflexão sobre as unidades que vão desde a palavra ao sintagma, à concepção ampla, que abarca fenômenos como os *rifões*, frases proverbiais, aforismos e frases feitas (Ruiz, 1997: 55).

<sup>16</sup> Os seus estudos vem acentuando o carácter genérico da significação proverbial (Anscombe, 1995: 304 e Anscombe, 1997: 49), a proximidade entre *topoi* e provérbios (Anscombe e Ducrot, 1983: 13) e o funcionamento dos últimos como argumentos (Anscombe, 1997: 45-49).

<sup>17</sup> São denominações-frase de nível genérico, o seu sentido próprio é o de implicação entre duas situações relativas aos homens, sendo, em alguns casos, o sentido implicativo hiperónimo da situação implicativa «literal» (Kleiber, 2000: 58).

Por isso, é uma unidade discursiva, que, pela sua autonomia sintáctico-semântica e funcional, na fala pode ocorrer individualmente com a extensão de um potencial «turno», mas que, tanto na conversação como na escrita, também se integra como texto, embora mínimo, dentro doutro texto mais longo. Por isso, a sua ocorrência na oralidade destaca-se pela mudança de entoação.

- em segundo lugar, consistir num discurso cujo criador, enunciador-primeiro (pela sua natureza nunca coincidente com o locutor ou enunciador-segundo) é um SE-enunciador<sup>18</sup>, numa indeterminação que implica toda a colectividade .
- em terceiro lugar, o facto de tal texto veicular uma mensagem de referência temporal e pessoal genérica (daí a possibilidade de aplicá-lo a múltiplas situações, pessoas e épocas) e a sua utilização desempenhar funções de relação dos enunciados no texto (como comentário, argumento, justificação, etc. ), respeitantes à globalidade textual ( por exemplo, resumo) ou de comentário duma situação precisa.

Como características periféricas, prováveis e frequentes em muitos provérbios, mas facultativas na sua identificação:

- a nível prosódico, destacar-se pelo ritmo, marcado pela estrutura rítmica binária, regularidade métrica, cadência acentual, rima, aliteração ou a assonância.
- no plano léxico-semântico, deter sentido figurado (por metáfora, metonímia, sinédoque, etc. ), léxico estabelecedor de contrastes e repetições.
- a configuração sintáctica apresentar paralelismo e abarcar ampla variedade de estruturas frásticas, encontrando-se os verbos no presente ou no imperativo.
- em termos enunciativos, ser antecedido de uma fórmula do tipo *Diz-se*, etc.

3. Na identificação dos provérbios mais frequentes na narrativa de José Saramago<sup>19</sup>, sobressai «O sol quando nasce é para todos», documentado na recolha oral *Os provérbios estão vivos no Algarve*, com três variantes, que transcrevemos com a respectiva numeração:

<sup>18</sup> Traduzimos assim o conceito de Berrendonner retomado por Anscombe (Anscombe, 2000: 11).

<sup>19</sup> Ocorrem com igual frequência, mas menor distribuição «Atrás de tempo, tempo vem.» (*Evangelho segundo Jesus Cristo*, p. 239, p. 239, p. 239; *O ano da morte de Ricardo Reis*, p. 72, p. 175; *História do cerco de Lisboa*, p. 115) e «O que tem que ser tem muita força.» (*O ano da morte de Ricardo Reis*, p. 206, *Jangada de pedra*, p. 10, p. 140, p. 141; *Todos os nomes*, p. 37, p. 254).

- «2167 O sol, quando nasce, é pra todos.»;  
 «2168 O sol, quando nasce, nasce pra todos.»;  
 «2524 Quando o sol nasce, nasce pra todos.».

As primeira e última formas remetem para S 417 e Q 128 do *Rifoneiro português* de Pedro Chaves, outra colectânea da mesma natureza (Chaves, 1928=45).

Assim sendo, trata-se de um enunciado com as características reunidas no ponto anterior; apenas notamos a possibilidade de uma fonte bíblica<sup>20</sup>, embora tal nunca seja aduzido no *corpus*, assim como a nominalização e referência temporal genéricas concretizadas em *todo* e no presente do indicativo. Além disso, é possível identificar esquemas métricos (um terceto com gradação do número 2, 3, 4 de sílabas, nas duas primeiras variantes, ou num dístico de 4 sílabas, na última forma), cadência (desenhando-se alternâncias de acento nos conjuntos de duas sílabas, quase sempre numa sequência de sílaba acentuada, sílaba não acentuada), eventual repetição do vocábulo *nasce*, assonância em *a* e *o*. Por último, trata-se de uma frase complexa que alberga uma deslocação de sentido.

Com efeito, numa formulação aparentemente temporal e de conteúdo festivo (descrevendo o geral benefício da luz solar), o provérbio induz também a uma leitura condicional, por estabelecer um nexo de implicação entre um antecedente (acontecimento positivo), condição suficiente, e um conseqüente (benesse universal). Neste caso, *quando* marca a restrição de intervalos de tempo que tornam pertinente a afirmação<sup>21</sup>, ficando indeterminada a verdade da asserção condicional<sup>22</sup>. Assim, o provérbio, numa duplicidade irónica, parecendo celebrar a generosidade da natureza acaba por lamentar a irregular atribuição dos seus dons.

4. A observação das seis ocorrências deste provérbio no *corpus*<sup>23</sup> (ver o anexo, onde transcrevemos o contexto textual imediato) revela predomínio da sua enunciação pela voz do autor (só em (4) e (6) a citação é feita por perso-

<sup>20</sup> O *Dicionário de provérbios Francês-Português-Inglês* indica como fonte bíblica Mateus (5, 45): «solem suum oriri facit super bonos et super malos», Deus fez o sol nascer sobre os bons e os maus (Lacerda, 2000: 330).

<sup>21</sup> Lopes nota este valor na análise de «Quando fores bigorna, sofre e quando fores malho, malha.» (Lopes, 1993: 206).

<sup>22</sup> De resto, o primeiro elemento tem uma significação contingente (Lopes, 1993: 229), já que pelo nosso conhecimento do mundo sabemos que o sol brilha continuamente, mas nuns dias proporciona luz e calor, enquanto noutros, tais efeitos são menos sensíveis, além da possibilidade do mesmo dia ser soalheiro num lugar e invernososo noutro.

<sup>23</sup> Aqui numeradas segundo a data de publicação do romance e o número da página onde se encontram.

nagens) e elevado grau de integração no discurso, alterando as formas tradicionais. Este comportamento confirma as previsões de Norrick de que a tendência para utilizar os provérbios como moldes integrados em longos discursos aumenta com a distância entre o tipo de texto que o contém e a «free conversation» (Norrick, 1985: 22 e 24), pelo que um romance, excepto no diálogo simulado, deverá conter menos provérbios utilizados de modo tradicional e independente do que uma peça de teatro.

Com efeito, em *Todos os nomes*, é no interior dum longo parágrafo que apresenta um diálogo imaginário da personagem principal com o tecto da sua casa (após a conclusão da busca da mulher desconhecida, quando, não tendo nada para fazer, lhe ocorre a ideia de visitar a senhora do rés-do-chão direito), que se situa a forma mais próxima da tradicional

(6) «tal como o sol que é para todos quando nasce,»

O provérbio faria parte do discurso do Sr. José, explicando a esta senhora porque estava a Conservatória tão preocupada com aquela «simples pessoa, uma mulher sem importância»; de resto, o conector «tal como» introdu-lo como paráfrase da afirmação «para a Conservatória do Geral do Registo somos todos iguais», funcionando a enunciação do provérbio como reforço amplificante da intervenção anterior<sup>24</sup>.

O seu emprego não ostenta uma significação literal, mas antes de índole metafórica<sup>25</sup>, desenhando uma interpretação-padrão do provérbio como «quando se dá uma acção positiva, isso beneficia qualquer indivíduo». Para lá disso, a reordenação dos constituintes expõe a sua significação condicional, reforçada pela sequência textual explicitamente crítica.

Em contrapartida, integrados no discurso do narrador e mais afastados da forma fixada na tradição paremiográfica, estão os exemplos (1) e (2), extraídos de *Memorial do convento*, e (3), de *O ano da morte de Ricardo Reis*.

(1) «Porém, a quaresma, como o sol, quando nasce é para todos.»

ocorre no final do primeiro parágrafo de um capítulo, onde, mais que os alimentos habituais dos alfacinhas, se apontam os efeitos nocivos da desigual-

<sup>24</sup> Entre as funções que têm a ver com a relação com enunciados anteriores inscritos na sequência discursiva, Lopes distingue funções argumentativas, réplicas autónomas em pares adjacentes, comentário avaliativo e reforço amplificante da intervenção anterior (Lopes, 1993: 403-8).

<sup>25</sup> Incluir-se-á no tipo que Norrick considera “object-attribute metaphor”, já que o nome metafórico designa literalmente um objecto que, de modo figurativo, substitui um dos seus atributos característicos (Norrick, 1985: 117). Neste caso, *sol* ocupa o lugar de *generosidade*.



dade da sua distribuição; nos parágrafos seguintes e até ao final desta parte, conta-se o quotidiano lisboeta durante a Quaresma.

Assim, o conector restritivo «porém» indicia a mudança da perspetivação da fome de uns e abundância de outros para a geral vivência das privações próprias desse tempo ritual, operando a alusão ao provérbio o resumo catafórico dos eventos narrados no discurso subsequente<sup>26</sup>. Tal alusão, a propósito deste período de luto, insinua que as realidades negativas, essas sim, têm uma distribuição equitativa<sup>27</sup>.

Já nos últimos capítulos do romance, no parágrafo que conta o despertar do mendigo João, em Vendas Novas, sob chuva violenta, que o faz adiar a sua saída e dificulta o cortejo real para entrega das princesas nubentes, situa-se

(2) «vede, vede como é para todos a chuva quando cai.»

Estamos perante uma transformação por substituição lexical idêntica à que se verifica, na outra narrativa, quando é contada a chegada de Ricardo Reis ao hotel, encharcado, depois de ser interrogado na PIDE:

(3) «além de que a chuva, celeste justiça, quando cai, é para todos.»

As substituições de *sol* por *chuva e nasce* por *cai*, realizam, por um lado, um processo de literalização (chove muito no *Ano da morte de Ricardo Reis*<sup>28</sup> e em toda esta parte do *Memorial do Convento*) e, por outro, a criação de um anti-provérbio, com uma interpretação metafórica paralela à do provérbio tradicional.

Assim, quer (2) que funciona como refutação da asserção anterior («ainda dizem que o céu está com os poderosos»), reclamando o duplo imperativo a observação do exemplo concreto, quer o parentesis irónico «celeste justiça», no interior do provérbio (3), convocam os contornos semântico-pragmáticos

<sup>26</sup> Dentro das funções de organização textual, Lopes contrapõe resumo anafórico (ou sumário conclusivo) e resumo catafórico (Lopes, 1993: 407).

<sup>27</sup> O que será desmentido na continuação que não relata os jejuns, mas antes a satisfação dos desejos sexuais facilitada pela permissão sazonal das saídas das mulheres para visitar as igrejas, contrastante com a frustração da rainha a quem, além das referidas visitas, não é permitido mais do que sonhar com o Infante D. Francisco.

<sup>28</sup> Além do mais, esta parte do romance é perpassada por uma reflexão sobre a solidariedade entre a Natureza e os desgostos humanos, notória em passagens como «bem podia a natureza ser solidária doutra maneira, por exemplo, mandando um terremoto que soterrasse nos escombros o Victor e o doutor-adjunto, » (*O ano da morte de Ricardo Reis*, p. 193) ou «meditando no céu cruel e na indiferença dos deuses, que tudo é uma e mesmíssima coisa» (*Ibidem*, p. 204).

do provérbio originário que são ampliados: os malefícios, como os benéficos, atingem qualquer indivíduo<sup>29</sup>.

Ao contrário do previsto por Norrick, a estratégia de modificação dá-se também na voz das personagens, desta vez no *Ensaio sobre a Cegueira*, onde, ao enumerar as doenças dos internos, se revela que as autoridades não as tiveram em conta no momento da recolha dos cegos,

(4) «disseram mesmo que a lei quando nasce é igual para todos».

Trata-se da reprodução das explicações dadas pelas autoridades, evocando em primeiro lugar e de forma marcada (através de «mesmo») este novo argumento e provérbio (dada a substituição de *sol* por *lei*), agora, com sentido praticamente literal (à excepção de «nasce», metáfora de «é promulgada») e conteúdo meramente descritivo.

No mesmo romance, introduzido por um conector explicativo, que justifica o reconhecimento de um facto, ocorre

(5) «porque o sol não nasce ao mesmo tempo para todos os cegos,»

ao referir-se o momento de despertar de cada cego no último dia de espera da comida e a reunião de voluntários para o ataque à camarata dos malvados. Enfim, a transformação da frase, pela negação e a introdução de nova referência temporal (especificada no segmento discursivo anterior), volta a inverter o provérbio tradicional, criando ambiguidade entre uma interpretação meramente descritiva e uma leitura motivada, subtilmente irónica, já que a decisão de lutar dos cegos se dá em momentos diferentes.

Em síntese, a consideração destas ocorrências permitiu verificar que a única ocorrência que se aproxima da forma e significação tradicionais de *O sol, quando nasce, é para todos*, assinalando um tratamento generoso, é o exemplo (6), já que as restantes, manipuladas até à configuração dum anti-provérbio, comentam situações de privação de alimentos ou satisfação sexual em (1), de contrariedades naturais e dificuldades sociais em (2), (3) e (5), de abandono humano em (4).

<sup>29</sup> Continuando a leitura, poderíamos ver que, nas condições diversas em que viajavam João e as personagens reais, as intempéries atingiam ambos (mas ele viajou sobretudo a pé, no mínimo ao ar livre, enquanto os outros seguiam dentro de carros de cavalos) e que, na sociedade estratificada em que viviam Reis, Salvador e Pimenta, o primeiro não detinha o privilégio de escapar à chuva (nem à vigilância da polícia política).

5. Parece-nos que a vinculação tradicional deste provérbio com uma situação específica (em que extraordinariamente alguém age generosamente) e do anti-provérbio (com uma acção restritiva igualmente arbitrária) permitiria classificá-lo dentro do subtipo reconhecido por Taylor como frase convencional (Taylor, 1930=: 129)<sup>30</sup>, a frase proverbial que Casares e Ruiz consideram na fronteira entre fraseologia e parémia (Casares, 1950: 203 e Ruiz, 1997: 63), ao qual são atribuídas funções de comentário não avaliativo (Norrick, 1985: 16) ou de tropo ilocutório (ver nota 14).

Contudo, a integração discursiva não revela a autonomia sintáctica apontada por Norrick aos enunciados que exercem esta função<sup>31</sup>; aliás, como vimos anteriormente, tal integração permitiu-nos identificar funções de macro-estrutura textual, em (1), ou de relação inter-enunciados, em (2), (3), (4), (5) e (6). De qualquer forma, na análise do discurso, cabe a possibilidade de uma leitura plurifuncional (Lopes, 1993: 364)<sup>32</sup>.

Em conclusão, a consideração da ocorrência de «O sol quando nasce é para todos.» na narrativa de Saramago permitiu-nos: deparar com variantes reunidas nas compilações orais; identificar uma significação dupla, irónica, inscrita na própria parémia; observar a elevada plasticidade sintáctica na adaptação ao contexto discursivo e o predomínio da manipulação criativa sobre a reprodução tradicional; verificar a presença do provérbio-molde no jogo de significação do anti-provérbio; estabelecer a interpretação-padrão; identificar a ironia dominante e, conseqüentemente, aventar a hipótese de subclassificação como frase proverbial, anotando a plurifuncionalidade que a aproxima do provérbio, exemplar típico da categoria.

Além disso, a determinação dos valores semântico-pragmáticos destas ocorrências obrigou-nos a considerar a voz que enuncia o provérbio, a (in)existência de introdução, o conector presente no contexto anterior, o papel do comentário imediatamente seguinte, para lá do contexto discursivo mais ou menos amplo e da posição do provérbio no interior dos parágrafos ou dos capítulos.

<sup>30</sup> Também são nomeadas como frase proverbial (Casares, 1950: 190-91), ditos ou frases feitas dependentes do contexto linguístico e extralinguístico (Zuluaga, 1980: 204) e enunciados com valor específico (Corpas, 1996: 137-8). A falta de carácter genérico da situação a que se aplicam leva Anscombe a descartá-lo do seu estudo, não sem referir que demonstram menos mobilidade que os provérbios no interior do texto e que podem existir em mais do que um idioma (Anscombe, 2000: 10).

<sup>31</sup> Perguntamo-nos se também a ausência de introdução explícita, seja quando o provérbio é usado sob a voz do narrador, nos exemplos (1), (2), (3) e (5), seja pela voz de personagens, em (4) ou (6), não será própria dos enunciados que exercem esta função, dada a imediatez com que são produzidos.

<sup>32</sup> Assim, podemos perguntar-nos se a dificuldade de distinguir entre frase proverbial e provérbio não se deve a esta possibilidade de utilização, quando a maioria das recolhas vem sendo construída a partir de textos escritos.

Por último, refira-se que o emprego deste provérbio por José Saramago, mais do que contribuir para a polifonia da sua escrita (que alia vozes eruditas literárias e orais populares), apresenta uma subversão que afecta todos os níveis de estruturação linguística (flexibiliza a forma sintáctica, duplica os contornos semânticos, transfigura as funções pragmáticas), numa paródia expressiva de resistência e confrontação social e humana<sup>33</sup>. Por isso, deixa antever uma relação criativa e humorística deste escritor com a língua portuguesa, não diferente da que sustenta com a realidade referencial das suas obras perpassada pelos tópicos do mundo às avessas e do desconcerto do mundo<sup>34</sup>.

## Bibliografia

- ANSCOMBRE, J. (1995) – «Semântica y léxico: topoi, estereotipos, y frases genéricas» in *Revista española de lingüística*, 2, pp. 271-295.
- ANSCOMBRE, J. (1997) – «Reflexiones críticas sobre la naturaleza y el funcionamiento de las paremias» in *Paremia*, 6, pp. 43-54.
- ANSCOMBRE, J. (2000) – «Parole proverbial et structures métriques» in *Langages*, 139, pp. 6-26.
- BALLY, C. (1909=1951) – *Traité de stylistique française*, Paris, Librairie Klincksieck.
- BRAZÃO, J. (1998) – *Os provérbios estão vivos no Algarve*, Lisboa, Editorial Notícias.
- CASARES, J. (1950) – «Introducción a la lexicografía moderna» in *Revista de Filología Española*, LII.
- CHAVES, P. (1928=1945) – *Rifoneiro português*, Porto, Domingos Barreira.
- CONCA, M. (1987) – *Paremiologia*, València, Universitat de València.
- COSERIU, E. (1966=1991) – *Principios de semántica estructural*, Madrid, Gredos.
- DOMÍNGUEZ, F. (1994) – *Análisis del discurso y paremias en H. de Balzac*, Murcia, Universidad de Murcia.
- DUNDES, A. (1975) – «On the structure of the proverb» in *Proverbium*, 25, pp. 961-973.
- DUNDES, A. (1964) – «Texture, text and context» in *Southern Folklore Quarterly*, 28, pp. 251-265.

<sup>33</sup> Mieder descobre esta atitude na escrita por contradições de Bertolt Brecht (Mieder, 1999: 258).

<sup>34</sup> Talvez por isso tenha escrito: «Ricardo Reis pára diante da estátua de Eça de Queirós, ou Queiroz, por cabal respeito da ortografia que o dono do nome usou, ai como podem ser diferentes as maneiras de escrever, e o nome ainda é o menos, assombroso é falarem estes a mesma língua e serem, um Reis, o outro, Eça, provavelmente a língua é que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles para que exprimam uma parte pequena do que é, quando a língua tiver dito tudo, e calado, sempre quero ver como iremos nós viver. Já as primeiras dificuldades começam a surgir, ou não serão ainda dificuldades, antes diferentes e questionadoras camadas do sentido, sedimentos removidos, novas cristalizações, por exemplo. Sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia, parece clara a sentença, clara, fechada e conclusa, uma criança será capaz de perceber e ir ao exame repetir sem se enganar, mas essa mesma criança perceberia e repetiria com igual convicção um novo dito, Sobre a nudez forte da fantasia o manto diáfano da verdade, e este dito, sim, dá muito mais que pensar, e saborosamente imaginar, sólida e nua a fantasia, diáfana apenas a verdade, se as sentenças viradas do avesso passarem a ser leis, que mundo faremos com elas, milagre é não endoidecerem os homens de cada vez que abrem a boca para falar.» (Saramago, J., *O ano da morte de Ricardo Reis*, pp. 6-2)

- FUNK, G. (1993) – *A função do provérbio em Português e em Alemão: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados*, Universidade dos Açores, tese de doutoramento inédita.
- GREIMAS, A. (1960) – «Idiotismes, proverbes, dictons» in *Cahiers de Lexicologie*, Vol. 2, pp. 41-66.
- KLEIBER, G. (2000) – «Sur le sens des proverbes» in *Langages*, 139, pp. 39-58.
- LACERDA, R. e LACERDA, H. e ABREU, E., 2000, *Dicionário de provérbios – Francês, Português, Inglês*, Lisboa, Contexto.
- LOPES, A. (1992) – *Texto proverbial português*, Universidade de Coimbra, tese de doutoramento inédita.
- MIEDER, W. (1999) – «“Man is a wolf to man”: on proverbial dialectics in Bertolt Brecht» in *Proverbium*, 16, pp. 247-277.
- MUÑOZ, J. (1993) – «La paremias españolas: clasificación, definición y correspondencia francesa» in *Paremia*, 2, pp. 15-20.
- NORRICK, N. (1985) – *How proverbs mean*, Berlin-New York-Amsterdam, Mouton Publishers.
- PASTOR, G. (1996) – *Manual de fraseología española*, Madrid, Gredos.
- PERMYAKOV, G. (1979), *From proverb to folk-tale*, Moscow, Central Department of Oriental Literature.
- RUIZ GURILLO, L. (1997) – «Aspectos de fraseología teórica española» in *Cuadernos de Filología*. XXIV.
- SILVA, J. (1989) – «Os adágios e a sua recolha» in *Revista Lusitana (Nova Série)*, 10, pp. 157-187.
- TAYLOR, A. (1931=1985) – *The proverb*, Bern-Frankfurt am Main-New York, Peter Lang.
- ZULUAGA, A. (1980) – *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, Frankfurt a. M. – Bern – Cirencester/U. K., Verlag Peter D. Lang.

### Anexo – Contextos<sup>35</sup>

- (1) Mas esta cidade, mais do que todas, é uma boca que mastiga de sobejo para um lado e de escasso para o outro, não havendo portanto mediano termo entre a papada pletórica e o pescoço engelhado, entre o nariz rubicundo e o outro héctico, entre a nádega dançarina e a escorrida, entre a pança repleta e a barriga agarrada às costas. Porém, a quaresma, como o sol, quando nasce é para todos. (Saramago, J., *Memorial do Convento*, p. 27)
- (2) E a rainha, que terá acontecido à rainha, a estas horas já saiu de Aldeagalega, vem com a infanta D. Maria Bárbara, mais o infante D. Pedro, este é outro, com o mesmo nome do primeiro, frágeis mulheres, criança frágil, expostas aos agravos do mau tempo, ainda dizem que o

<sup>35</sup> Trancrevemos como contexto, por limitações de espaço, apenas o discurso situado entre dois pontos finais em que o provérbio ocorre, à excepção de (1) em que reproduzimos a sequência anterior. Numeramo-los tal como os exemplos de emprego, ordenando-os segundo a data de publicação do romance e o número da página onde se encontram. Destacamos o provérbio em negrita.

- céu está com os poderosos, vede, vede como é **para todos a chuva quando cai.** (*Ibidem*, p. 308)
- (3) Quando Ricardo Reis entrou no hotel, o chapéu escorria-lhe como goteira de telhado, a gabardina pingava, era uma gárgula, uma caricata figura, sem nenhuma dignidade de médico, que a de poeta não lha podiam adivinhar Salvador e Pimenta, além de que a **chuva**, celeste justiça, **quando cai, é para todos.** (Saramago, J., *O ano da morte de Ricardo Reis*, p. 193)
- (4) Renunciaria o cronista, por circunspeção, a fazer um relato discriminativo de outros males que estão afligindo muitas das quase trezentas pessoas postas em tão desumana quarentena, mas não poderia deixar de mencionar, pelo menos, dois casos de cancro bastante adiantados, que não quiseram as autoridades ter contemplações humanitárias na hora de caçar os cegos e trazê-los para aqui, disseram mesmo que **a lei quando nasce é igual para todos** e que a democracia é incompatível com tratamentos de favor. (Saramago, J., *Ensaio sobre a cegueira*, p. 160)
- (5) No dia seguinte, uns mais cedo, outros mais tarde, porque **o sol não nasce ao mesmo tempo para todos os cegos**, muitas vezes depende da finura do ouvido de cada um, começaram a juntar-se nos degraus exteriores do edifício homens e mulheres vindos das diversas camaratas, com excepção, já se sabe, da dos malvados, que a esta hora já deverão estar a tomar o pequeno-almoço. (*Ibidem*, p. 195)
- (6) Pensou em ir visitar a senhora do rés-do-chão direito, contar-lhe mais ou menos o que acontecera, mas depois achou que não merecia a pena, ela tinha-lhe dito tudo quanto sabia, e talvez acabasse por lhe perguntar por que demónios andava a Conservatória Geral a ter tanto trabalho por causa de uma simples pessoa, de uma mulher sem importância, seria indecente falsidade responder-lhe, além de estupidez rematada, que para a Conservatória Geral do Registo somos todos iguais, tal como **o sol que é para todos quando nasce**, há coisas que é conveniente não dizer diante de um velho se não queremos que ele se nos ria na cara. (Saramago, J., *Todos os nomes*, p. 159)